

A Folha d'Ovar

FOLHA POLITICA, LITTERARIA E NOTICIOSA

ASSIGNATURA

Assignatura em Ovar, semestre..... 500 réis
Com estampilha..... 600 »
Fora do reino accresce o porte do correio.
Pagamento adiantado.
Anunciam-se obras litterarias em troca de dois exemplares.

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — LARGA DE S. MIGUEL

DIRECTOR E RESPONSÁVEL

M. GOMES DIAS

PUBLICAÇÕES

Publicações no corpo do jornal, 60 réis cada linha.
Anuncios e communicados, 50 réis; repetições, 25 réis. — Anuncios permanentes, 5 réis.
25 p. c. de abatimento aos srs. assignantes.
Folha avulsa, 40 réis.

Os legitimistas

O partido legitimista, que se reanima, funda-se no erro historico em que os monarchas foram absolutos na Europa desde a origem da monarchia.

Entre nós as antigas côrtes foram assembleias deliberantes, e não meramente consultivas, como os legitimistas pretendem; moderavam o poder real e com este exerciam a soberania.

Da carta de lei de abril em 1261 se vê, que a D. Affonso III, querendo levantar o valor da moeda, se oppozeram os povos, reclamando, que se convocassem as côrtes para que essa questão se decidisse.

Em muitos documentos os reis empregam os termos—*auctoridade, assentimento, mandado e beneplacito das côrtes.*

As de 1385 resolvem—*«que D. João I formaria o seu conselho de cidadãos das principaes cidades, escolhidos sobre propostas triplices, que os povos seriam ouvidos sobre tudo, que lhes tocassem, que os tributos seriam lançados depois da sua decisão e conselho, que sem o seu consentimento se não faria a paz, nem a guerra».*

Em quanto a leis, subsi-

dios, e aos negocios importantes, foram as côrtes que sempre decidiram, ou resolveram sendo convocadas vinte e duas vezes no reinado de D. João I. E assim se observou até D. João II.

Porém não estava marcado o periodo em que deviam convocar-se; a convocação era um acto arbitrario do rei. Em 1438 as de Torres Novas determinaram «que sejam convocadas annualmente, e que tenham ainda como attribuições privativas o estabelecer o valor da moeda, e o nomear os titulares e os grandes funcionarios administrativos.»

A rainha protestou em nome de Affonso V, então menor; mas os procuradores replicaram, e tudo isso prova, que não se julgavam meros conselheiros, e que a nação se attribuia direitos proprios no seu governo.

Nas côrtes de Santarem, em 1451, e nas de Lisboa, de 1455, foi o rei arguido «de fazer e revogar leis sem ellas», ao que respondeu, não afirmando o seu direito, mas com evasivas.

No longo reinado de D. Manoel só quatro vezes se reuniram, e só tres no de D. João III.

Desde então o governo foi-se tornando absoluto, de fa-

cto, mas por abuso e prepotencia, e não porque o fosse no seu principio.

Comtudo em 1601 ficou sem effeito um alvará sobre oitocentos mil cruzados com destino para El-Rei—*«por ser feito sem consentimento, nem procuração das cidades e logares do reino, e porque sem elle não havia poder de obrigar os povos.»*

E' certo que os soberanos sempre juraram manter os fóros, costumes e liberdades da nação, e até o proprio Philippe I o jurou em 1581.

Nas côrtes de Lisboa, em 1641, se assentou, «que o poder real provem *originariamente* da nação á qual por isso compete decidir as questões sobre a successão ao throno, velar pela execução das leis, e até *recusar-se á obediencia*, quando o rei pelo seu modo de governar se torne indigno e tyranno.»

Esta deliberação destroe na essencia o principio da legitimidade, isto é, a ideia de um poder independente e superior aos direitos dos povos.

Nas côrtes de 1642 os procuradores accusaram os ministros, e entre estes a Francisco de Lucena, que foi mettido em processo e decapitado.

Mas nas de 1668 votam

pela ultima vez os subsidios necessarios.

Vem D. Pedro II, que imitando a Luiz XIV se esforçou por excluir as côrtes da sua ingerencia no governo. As de 1674 ainda quizeram fiscalisar as despesas publicas. D. Pedro dissolveu-as. Algumas camaras recusaram-se ao pagamento dos impostos por não terem sido votados pelos procuradores, e o rei prometeu convocal-os, quando as circunstancias o permittissem.

Tal era a força do direito que lhes reconhecia.

Tambem D. João V não ousou negal-o, pois que em janeiro de 1712, ao impor um tributo, diz na sua Carta á camara do Porto—*«sem embargo de as côrtes se não celebrarem, por ser prejudicial a dilacão em convocal-as mas não é minha tenção alistar ou abolir por esta causa os privilegios do meu reino.»*

Com D. José I e o marquez de Pombal não teve o despotismo nem receios, nem escrúpulos, de se proclamar e exercer de um modo até cruel.

E' esse grande ministro, que nos relatorios dos decretos estabelece a doutrina dos legitimistas—é elle que falla «na alta e independente soberania, que o rei recebe im-

mediatamente de Deus pela qual manda, quer, e decreta aos seus vassallos, de sciencia certa e poder absoluto.»

Consulte-se a Historia do Governo e da Legislação por Coelho da Rocha.

Bem dizia a baroneza de Stael—*«a liberdade é antiga, o despotismo é que é moderno.»*

O governo parlamentar, ou constitucional, tem pois a sua raiz nas tradições nacionaes, e não differe da *velha monarchia*, senão em estar organizado sob fórmulas mais regulares, e em relação com a sociedade nova.

A Maçonaria ajudou a desfazer as oppressões politicas e religiosas, mas não creou o systema representativo, como todos os dias escrevem, com o proposito de desacredital-o, os legitimistas e os reaccionarios catholicos, hoje unidos.

Lourenço d'Almeida e Medeiros.

CONFRONTOS

X

No seu *Povo d'Ovar* de 16 de março de 1890, escrevia o sr. Fragateiro:

Deputados por Ovar

«Domingo, apresentou-se perante os eleitores da freguezia

Thereza ia responder; mas a physionomia do bom cura tinha-se tornado séria e triste de tal sorte enquanto pronunciava estas ultimas palavras, que a pobre creança baixou a cabeça sem dizer palavra.

Comtudo ella adivinhava que elle occultavam algum acontecimento importante. Havia um certo tempo que tudo se tinha mudado á volta de si. Fallavam baixo; não se conversava sem se interrogarem primeiro com olhares, ou callavam-se deante d'ella... A rapariguinha era cada vez mais devorada pelo desejo de saber.

Orphã desde tenra idade, Thereza Sargata, assim como seu unico irmão Antonio, tinha sido educada por seu tio, o veneravel cura de S. Marcos, que, não podendo encarregar-se dos detalhes da sua educação a metterá n'um dos melhores collegios de Milão.

(Continúa)

Folhetim da FOLHA D'OVAR

(2)

O ultimo sobrinho de Frei Angelo

POR

PROTCHE DE VIVILLE

TRADUÇÃO DE

AUGUSTO MAXIMO RANGEL

Ainda os seus joelhos tocavam na terra, quando uma violenta detonação fez vibrar as ogivas do velho edificio; um ruido longiquo lhe respondeu, perdendo-se nos ares... como se dissessem bramidos d'uma tempestade além no horizonte.

—Senhor Jesus! exclamou o padre persignando-se, tende piedade de nós... A batalha recomeça... Quem sabe como acabará...

E depois de ter enxugado as la-

grimas que lhe inundavam o rosto, entregou-se apressadamente á obra.

—Oh! não, eu não vos profano, minhas caras pinturas, dizia elle muito alto, trabalhando... eu salvo-vos dos ultrajes d'uma soldadesca brutal e impia que, bem cedo talvez, virá perturbar o repouso de tão santo logar...

Depois, cheio d'um ardor todo juvenil, pincelou... pincelou... pincelou tanto e tão bem que, antes do fim do dia, todas as pinturas tinham desaparecido debaixo d'uma espessa camada de cal.

II

Acabrunhado de fadiga, mas com o coração satisfeito, o velho padre voltou para a sua habitação. A casa do cura não ficava longe da igreja; um jardim e um pateo as reunia uma á outra.

No pateo brincava uma delicada rapariguinha de dezeseis ou dezasete annos. Nada mais gracioso que o seu fresco rosto de tons branco-

rosados tornado mais bello por um abundante cabello castanho-claro de reflexos dourados. Nenhuns cuidados deveriam affligir a casta candura de Thereza Sargata: isso reconhecia-se pelo seu olhar limpo e pelo seu rir infantil.

Assentada n'um banco de madeira, a amavel menina esmigalhava gentilmente um bocado de pão de que algumas gallinhas brancas vinham descaradamente roubar-lhe da mão as migalhas, enquanto que outras, mais familiares, mais bem tratadas, saltavam aos seus joelhos e espiçavam com avidez no seu avental.

Desde que Thereza viu o cura, levantou-se e correu ao seu encontro.

—Por onde andastes, carissimo tio, todo este grande dia? Não vos encontrei em parte alguma... Realmente cheguei a pensar que tinheis ido sem mim a Calcio, a casa de meu irmão, e começava a impacientar-me por não vos ter perto de mim...

de Vallega o candidato regenerador por este circulo, o ex.^{mo} sr. dr. Manoel d'Oliveira Aralla e Costa.

Foi o primeiro passo que os regeneradores ostensivamente deram para fratar da eleição do dia 30, e o entusiasmo com que os habitantes de Vallega os acolheram, bem como á proposta feita, deve-os ter incitado a continuar activamente na campanha para mostrar ao paiz que os progressistas estão aqui completamente desacreditados pelas suas façanhas selvagens e criminosas.

No dia 30 as urnas dirão quem recuou na batalha: no dia 30 o povo d'Ovar lavrará um protesto unanime contra os crimes perpetrados durante 4 annos de anarchia, pois tantos foram os do dominio do partido progressista no concelho.

E' o deputado pelo circulo d'Ovar, o ex.^{mo} sr. dr. Manoel d'Oliveira Aralla e Costa. S. ex.^a representa a aspiração de termos um nosso patricio como nosso delegado em côrtes, e, sendo victima das prepotencias, um protesto contra essas prepotencias.

A eleição do ex.^{mo} sr. dr. Aralla, que estava indicada, havia muito, pelos partidarios regeneradores d'este concelho, obteve plena confirmação no domingo em Vallega.

E agora que está escolhido o nosso candidato, escolha, que por certo, ha-de ser plenamente approvada pelo ministerio, só resta aos regeneradores d'este circulo preparar devidamente o campo eleitoral, não para vencer a eleição, o que é muito pouco, mas para mostrar a todo o paiz que os progressistas d'Ovar não tem elementos alguns para lutar e que, se venceram eleições, foi com os cacetes coadjuvada pela força armada.

O deputado eleito pelos regeneradores não pôde ser o deputado dos cacetes, o deputado das violencias. Um diploma assim sujo ennoçoa um partido politico e uma villa inteira. E' preciso, pois, que esse processo, digno dos selvagens progressistas, seja pelos ministeriaes posto completamente de parte como indigno e como pouco sério.

Com enthusiasmo apoiamos o escolha do partido regenerador d'este circulo. Sempre pugnamos para que Ovar tivesse, como seu representante, um dos seus filhos: oppozemos-nos á eleição do deputado dos cacetes, o defensor dos progressistas, e a nossa opposição era apoiada pelo povo, que teve de retirar da urna com medo das bayonetas.

Viva o partido regenerador.
Viva o deputado d'Ovar.
Viva o ex.^{mo} sr. dr. Manoel d'Oliveira Aralla e Costa.

E em 9 d'ouubro de 1892:

Perante a urna

«Vem perto o dia em que se hão-de desfazer todas as intrigas, que os aralistas propalam: vem perto o dia em que a urna dará o seu *verdictum*.

O sr. Aralla, vendo-se perdido appela para as arruaças e para a desordem, provando assim que não tem a força e o prestigio, que lá por fóra tantas vezes inculcou. Nós mantendo-nos no campo da legalidade e da ordem cumprimos as nossas promessas, mostramos a nossa coherencia perante o povo.

E assim as intrigas do sr. Aralla não nos atrapalharam, tambem agora as suas arruaças as suas violencias nos não intimidam. Para umas tivemos o desprezo, para outras teremos a nossa energia, a nossa união.

Não nos faltam os homens nem tão pouco os eleitores. Recuar por medo seria uma cobardia: recuar só porque meia duzia de criminosos commandados por um desvairado tenta a tiro amedrontar grande massa de eleitores honestos e bem-quistos, seria deixar a nossa villa e o nosso concelho á mercê do primeiro malandro de que os governos quizessem lançar mão para dispor d'esta terra.

A lucta impõe-se a todos os homens honrados: combata cada um por si para defender a sua dignidade, a sua honra e a sua familia.

Ninguem se assuste. O bando aralista nãe passa d'uma duzia d'homens armados. Essas farroncas, essas desordens que por ahi iniciaram contra meia duzia de rapazes que vinham de Vallega, são obra d'um palno para mentir terror. Mas que podem elles contra centenas de eleitores? que podem elles contra a parte viva dos outros dois partidos?

A urna ha-de ficar livre: os eleitores hão-de votar a seu salvo.

A's calumnias dos aralistas, o nosso grupo responde, apresentando como candidato por este circulo o dr. **Francisco Fragateiro de Pinho Branco, advogado.**

Temos até hoje trabalhado unidos, disciplinados, apresentando sempre ao povo este candidato.

Vieram os aralistas dizer que estavamos unidos aos progressistas, que pactuamos com elles votando no seu candidato.

Que nos respondem agora? Podem responder-nos com novas intrigas, que hão-de ser desfeitas perante a urna: exactamente como pretendem responder á nossa influencia com os boatos de terror, que a cada momento propalam.»

DANUBIA

CERVEIRA

RISCOS

DOIDO

«Pobre Berlingas, quem havia de dizer que tu, roido pelos remorsos e castigado pelos crimes dos teus, endoudecerias tão rapidamente!

Os crimes d'uma geração inteira vem-se amontoando sobre ti e o seu peso obscureceu-te a razão, roubou-te a consciencia, como os Berlingas antigos roubavam as casas onde tinham entrada.

Doido!

Doido sim, e é uma pena.

Lamentamos todos a perda de um homem, ainda que esse homem não fosse muito aproveitavel.

Logo em creança começou por escoucear os que lhe tinham dado a esmola. Como os antigos Berlingas, principiou a correr o fado mau.

Como os seus crimes são menores do que os antigos Berlingas, Deus reservou-lhe um supremo alivio—endoideceu-o antes de o arremeçar para a enxerga apodrida.

E tendo enlouquecido, elle julga-se um rei supremo, quando não passa d'um simples *Limonada*.

Doido!

Vós vedel-o por ahi a cada momento. Vae n'aquella pileca parda, a bamboar com as pernas (segundo as regras da equitação), olhar desvairado, menos consciente do que o olhar da pobre burra que lhe atura as massadas e as tolices.

Vós vedel-o quando, ao passar por uma rua, estaca de repente, profere meia duzia de palavras sem nexo, e depois atrapalhado, a tremmer, a compôr as lunetas no nariz, pica a garrana e lá vae seguindo o seu fadario enquanto o povo fica dizendo: está doido, coitadinho!

Doido!

Deixae-o* passar, coitado! Elle está doido e não é bonito rir do Berlingas que cahiu n'aquella infelicidade.

Deixae passar o pobre homem, porque o peor mal é o d'ellet!

Alguem diz que foi a politica que o levou ao abysmo. Erro, puro erro. Já se lhe manifestavam os ataques de loucura antes da politica o apanhar. Um choro desordenado, umas lamentações fóra do comum eram sempre o prenuncio do ataque.

Ha tempos, porém, a doença aggravou-se e o Berlingas enlouqueceu de todo.

Está doido!

Mas é um doido inoffensivo, ainda mesmo na furia do ataque.

Em tempos adquiriu a fama de ter olhar fixo, penetrante, incommo-dativo mesmo; e é por isso que elle hoje tem como suprema vingança encerrar os seus adversarios, mas desvaira logo que o fixado lhe sorri com desdem.

E' que o seu olhar nem tem fixidez nem consciencia e o pobre doido julga-se nos seus tempos felizes, quando o adulavam para o explorar.

E assim vive o desditoso Berlingas—doido pelos remorsos, sobre-carregando com os crimes de uma geração inteira.

Doido!

João.

(Povo d'Ovar n.º 169, de 3 de novembro de 1889.)

Amendoas e Cartonagens

CERVEIRA

SECÇÃO LITTERARIA

Os sonhos de amor

O somno da mocidade é mais forte do que o infortunio: porque aos dezoito annos sonha-se sempre. A existencia é uma illusão encantadora, uma esperanza risonha.

A aurora da vida não tem nuvens. Percorre um céu azul, transparente, formoso. O ambiente que respira está impregnado do perfume das flores. A alma da virgem enamorada é um *crystal refractario*, como diria um chimico, que não se funde a outro fogo senão ao do amor. Amar e ser amada: eis o seu lemma, o seu unico pensamento, o seu incessante afan; porque o amor é para os corações nobres o que é o sol para as plantas, a agua para as fontes, o espaço para as aves, a lua para a noite.

Uma mulher sem amor, é um canto sem harmonia, um album em branco, um jardim sem flores. Se a vida é um sonho, como di-se Calderon, o sonho mais formoso da mulher é o amor. A joven que ás dezoito primaveras não sente estremecer a sua alma pelo gemido me-

HOJE E A'MANHA

(A M. Gomes Dias)

Amigo: eu hoje tenho aspirações e sonhos; Penso que o amor não é uma paixão, um mytho, Mas sim um manancial de gozos bem risinhos Aonde vou saciar o coração afflicto.

Minh'alma sorri aos vagos sonhos-dourados Do brilhante florir das minhas primaveras; E eu, desprezando a dôr, beijo labios rosados, Interrogo a amplidão e as lucidas chimeras;

Mas amanhã, quem sabe (oh infundo tormento!) Talvez suspire, immerso em negra e cruel dôr: «Como é horrivel o viver no descontento! «Quem me roubou o santo balsamô do amor?!»

Talvez eu já não leia o meu Petrarcha, o Dante, O Lamartine, Dryden, Byron e o Camões, Nem tenha um livro só dos tempos de estudante: Tudo disperso pelas casas de leilões.

Talvez não torne a vêr o archanjo da esperanza!... E então, sentirei a dôr profunda magoar-me, E, sobre tudo, (oh vil martyrio que não cança!) Verei o olhar de minha mãe a criminalar-me!

(Variações, inedito.)

Jayme T. Cirne de Magalhães.

lanholico e suave de uma paixão, pôde dizer-se que não vive. E' uma bella estatua; terá todos os encantos da plastica, será uma perfeição sob o ponto de vista artistico, a fórma terá modelado a materia até á perfeição, até o bello ideal; mas os seus labios não terão o doce e expressivo sorriso do amor, quando exhala um suspiro, balbucia um nome ou envia um beijo. Os seus olhos immoveis carecem d'essa languidez amorosa, que humedece uma lagrima. A sua frente não terá a transparencia que deixa lêr a través da sua epiderme os pensamentos de uma alma apaixonada. O amor é a força creadora da alma. A plastodinamia do coração, desenvolve os mais bellos sentimentos. Uma mulher que ama e é correspondida, caminha pela terra sempre disposta a derramar o bem entre os seus semelhantes. Nos seus olhares amorosos acha-se sempre uma lagrima para compadecer a dôr dos seus amigos, nos seus labios um sorriso para saudar aos que a rodeiam, e na sua mão uma esmola para os necessitados.

Amae, pois, meninas formosas que cruzaes a primavera da vida, amae... porque o amor embelleza o rosto e purifica o coração.

(Trad.)

Jayme T. Cirne de Magalhães.

DANUBIA

CERVEIRA

NOTICIARIO

Partidas

Para Aldeia Gavinho, concelho de Alemquer, seguiu no comboyo da noite de domingo o nosso sincero amigo Manoel Bismark, para onde foi despachado, ultimamente, professor effectivo.

Ao nosso sentimento pela sua ausencia, aggrega-se o de todos os rapazes d'esta villa, que lhe dispensaram sempre leal e pura amizade e que elle soube corresponder com ardor e dedicação.

Appetecemos-lhe saude e muitas, muitas venturas; e oxalá nas proximas férias o abracemos como nos prometteeu.

Manoel Bismark pede-nos a publicação da seguinte

Despedida

Manoel Bismark Lopes da Silva Bento, extremamente penhorado

para com todas as pessoas que dignaram dar-lhe provas d'estima durante a sua permanencia em Ovar, vem por este meio protestar-lhes o seu eterno reconhecimento, pedindo desculpa de qualquer falta involuntaria que por acaso tenha cometido, e offerecendo os seus serviços em Aldeia Gavinho, concelho d'Alemquer.

Ovar, 19 de março de 1893.

Manoel Bismark Lopes da Silva Bento.

Com destino aos Estados-Unidos do Brazil (Pará), deve partir amanhã, no comboyo da noite, o nosso particularissimo amigo, Manoel André d'Oliveira.

Magôa-nos a falta d'este excellentemente moço que tantas provas deu de uma verdadeira amizade entre nós que ha poucos annos ainda o conhecemos; e desejamos-lhe um sem numero de venturas na cidade brasileira para onde se destina.

Como despedida, enviamos a Manoel André d'Oliveira um apertado e sincero abraço.

Este nosso amigo entregou-nos, para publicar, a seguinte

Despedida

Manoel André d'Oliveira, devendo ausentar-se amanhã para o Brazil (Pará), e sendo-lhe absolutamente impossivel despedir-se de todas as pessoas das suas relações, serve-se d'este meio para o fazer, offerecendo os seus prestimos n'aquella cidade.

Ovar, 23 de março de 1893.

Manoel André d'Oliveira

Para a Bairrada, d'onde seguirá amanhã para a cidade do Pará, partiu no sabbado o nosso amigo Manoel Portovedo Junior, empregado, que foi, do sr. Silva Cerveira.

Agouramôos do coração a este delicado rapaz e intelligente empregado um porvir risinho e de que é merecedor n'aquella terra estranha.

Manoel Portovedo enviou-nos a seguinte

Despedida

O abaixo assignado, penhoradissimo para com todas as pessoas que d'elle se foram despedir no sabbado passado, vem hoje agradecer, commovido, essa prova d'amizade com que foi tratado durante os annos que permaneceu n'essa villa; e por este meio pede descul-

pa d'alguma falta commettida na boa-fé.

Julga de seu dever tambem especialisar n'essa humilde despedida o sr. Silva Cerveira e familia, de quem recebeu, como seu empregado, tratamento e attenções superiores ao seu merito.

Envia um abraço de despedida aos seus amigos, e a todos mais uma vez obrigado.

Ovar, 20 de março de 1893.

Manoel Portovedo Junior.

O nosso amigo, Manoel Pinto Cortez, partiu na segunda-feira para S. Mamede de Infesta, aonde vai ser empregado em uma pharmacia.

Felicidades.

Amendoas e Cartonagens CERVEIRA

Loja do Povo

A semana santa vem perto; e isto tanto basta para que as nossas amaveis leitoras e a fina rapaziada visitem a loja do sr. Silva Cerveira, onde se encontram primorosas caixinhas da bella amendoa de Lisboa.

Para veracidade do nosso reclame basta olhar para a vitrine d'aquella loja.

O calor intenso que n'estes dias se faz sentir, obriga-nos a recorrer aos bellos refrescos? Porque não vamos ao Silva Cerveira, que acaba de receber, em grande quantidade, cervejas, gazosas e muitas outras bebidas?

Pois é o que o proprietario da «Loja do Povo» nos vem de communicar.

Para o namorado que deseja brindar a sua «bem-amada» com amendoas, caixinhas respectivas e cartões de gostos varios, procure-o; e façam o mesmo aquelles que não supportam o calor, pois lá teem tudo á escolha.

Recommendamos este bello e antigo estabelecimento.

«A Viuva Millionaria»

A bem conhecida empresa editora dos srs. Belem & C.^a deu começo á publicação de um novo romance de Émile Richebourg, *A Viuva Millionaria*, cujo entrecho está destinado a produzir verdadeira sensação no nosso meio litterario.

Recebemos as cadernetas n.º 5 e 6, cujo resumo do entrecho é o seguinte:

Maria Sorel, uma pobre rapariga inexperiente, julga sinceros os protestos de amor eterno, com que um seductor de profissão a illude, e vê-se de subito abandonada pelo homem sem coração, que tão cruelmente abusára da sua fraqueza. André Clavière, seu amigo de infancia, que nutria por ella desde os mais verdes annos uma verdadeira paixão, apparece-lhe precisamente no momento em que ella deplora o seu abandono, e quer a todo o transe dar-lhe o seu nome. D'este modo daria satisfação aos impulsos irresistiveis do immenso amor, por que se acha dominado, e regularisaria a situação da infeliz Maria Sorel, que está prestes a ser mãe...

Esta, porém, que não queria de modo algum acceder aos desejos do seu antigo companheiro de infancia, resolve suicidar-se por ver que não tem outro meio de evitar aquelle casamento, que julga constituiria uma infelicidade para André Clavière...

Agradecemos as duas cadernetas que nos foram offertadas.

DANUBIA

CERVEIRA

Declaração

Pede-nos a ex.^{ma} sr.^a D. Joanna Ferreira Duarte d'Aguiar, que façamos publico que, a começar d'hoje, o seu nome passa a soffrer a modificação seguinte: Joanna Gomes Dias Ferreira de Aguiar.

Pelas 6 horas e meia da noite, de domingo, resoon pelas negras abobadas da cadeia de baixo o echo secco das bofetadas dirigidas pelos presos mutuamente.

O carcereiro foi immediatamente acordar a *cabra* e... tião, tião, tião, a chamar os senhores da justiça, e as bofetadas continuavam...

O inquieto rapazio ria muito, e no largo da Praça grande panico! Parecia um dia de eleições! E nada mais soubemos.

Nascimento

Deu á luz, na semana passada, uma robusta criança do sexo feminino, a muito digna e illustrada esposa do sr. Abel de Souza e Pinho, intelligente empregado na administração d'este concelho.

Sinceras felicitações.

Anniversario

No proximo domingo faz annos o nosso respeitavel amigo, snr. Antonio Augusto Freire Brandão, motivo porque lhe damos os nossos mais sinceros parabens.

Enfermo

N'este estado e ha bastante tempo, encontra-se o ex.^{mo} snr. dr. Serafim Baldaia, illustre e antigo advogado nos auditorios d'esta comarca.

Que as melhoras venham brevemente é o nosso desejo.

S. José

Modestissima a festa no domingo em honra d'este milagroso santinho, na capella de Nossa Senhora da Graça.

De tarde houve novena e sermão, e... nada mais.

DANUBIA

CERVEIRA

S. Martinho

O S. Lazaro, que se festejou no domingo na freguezia de S. Martinho, foi visitado pela elite segunda d'esta villa.

Se não fóra a comparencia d'este grupo distincto, o S. Lazaro—pobre santo!—feneceria de tedio...

Os nossos *fidalgos devotos* não o esqueceram, e até rezaram, contrictos, para elle lhes curar as chagas... da cabeça!

Partidas

Para o Rio de Janeiro, partiu na segunda-feira, no vapor *Rei de Portugal*, acompanhado de sua familia, o nosso amigo Antonio Lopes, filho do sr. Francisco Antonio Lopes, da Poça.

Que a fortuna lhe seja propicia

e que volte breve a esta terra é o nosso desejo.

—Para S. Mamede de Infesta partiu na segunda-feira o nosso amigo Manoel Pinto Cortez.

—Para a Regoa o nosso amigo José Pereira Carvalho.

Em férias

Cá estão os nossos amigos Lopes Fidalgo, Pedro Chaves, e Jayme do Amaral.

Trabalho no mar

Na segunda e terça-feira houve trabalho na nossa Costa, sendo a pesca pequena.

Amiga do alheio

No domingo, uma *santinha* dos lados do Salgueiral, foi recolhida ao *xelindró*, porque tinha feito *mão baixa* a umas padas de trigo! Coitada, a fome é negra, mas o *cacifre*, onde a metteram, ainda é mais negro.

Larapios ou larapias

No domingo queixaram-se bastantes pessoas que *umas santas creaturas*, lhe tinham *surripiado* algumas notas.

Cuidado, porque isto de roubar é moda!

A todos

O nosso amigo Cerveira acaba de receber um completo sortido de finissimas amendoas de Lisboa, assim como uma esplendida colleção de cartonagens que tem expostas aos seus freguezes, na sua loja, na Praça.

Lembraremos pois a todos os nossos leitores em geral e ás leitoras em particular, que se não esqueçam de se sortirem com tempo, para depois se não queixarem.

E' na Praça! não se esqueçam.

Pela lingua...

Na segunda-feira de tarde, *dois melros* entrometteram-se, no largo dos Martyres, com uma mulher que alli mora.

A *santinha* não gostou do cantar dos *melros* e cascou-lhe uma boa sóva.

Dlim! Dlim! Dlim! Dlim! Dlim!

Assim estive quasi toda a tarde de domingo a sineta do tribunal d'esta villa.

Averiguado o caso de tanto dlim! eram os *meninos* que no *cacifre* estando com a *Senhora dos Arcos*, principiaram á pancadaria uns aos outros.

Depois de ter comparecido o sr. dr. Moura Pegado, que mandou algemar os promotores e cabeças de motim, principiaram ainda os *meninos* a baterem com as algemas uns nos outros.

Em vista d'isto o ex.^{mo} delegado mandou separar um dos presos que era tido como cabeça do barulho, socegando assim o banzê e acabando o dlim! dlim!

Julgamento

Na terça-feira, em *policição*, foram julgados os *meninos* José de Araujo Pinto, o cabreiro; Joaquim Chiao João da Bita, accusados de desobediencia e resistencia á auctoridade.

Lido o processo e interrogados os reus, depondo as testemunhas de accusação e defeza, concluidos os debates, o sr. juiz houve por bem condemnar os reus Cabreiro em 18 mezes de desterro para Miranda do Douro, e Joaquim Chia em 9 mezas para Mertola, mandando em paz o Bita.

Foi juiz o sr. dr. Salgado e Carneiro, representava o ministerio publico o sr. dr. Vilhena, a defeza o sr. dr. Soares Pinto, e foi escrivão do processo o sr. dr. Sobreira.

Artigo litterario

Recebemos um do nosso distinctissimo collaborador, Jayme T. de Magalhães, que, por falta d'espaco, não pôde ser hoje publicado.

Desculpe-nos este nosso amigo e companheiro esta falta que remediaremos no numero proximo.

O «Brav» administrador

Foi-se o *Banana*, deixando tudo *abanonado!*

Mas porque se foi o *Banana*? O *Banana* em Loures, administrando a vaccaria, faz-nos lembrar Bonaparte em Santa Helena, só com a differença de que Bonaparte, então, foi trahido, e o *Banana* agora, foi o traidor.

E não só trahiu os outros, como se trahiu a si proprio, porque elle, o *Banana*, não teve coragem de tomar a responsabilidade dos seus actos.

Pôdre *general!*

Mas porque se foi o *Banana*?

CHRONICA

Puff...

Safa, calor assim só no inferno! Que atmospheria abafante, que privação de ar eu sinto no cubiculo.

Nada, não estou bem aqui; vou para o quintal tomar a fresca.

Que doce viração corre levemente, como me consola e deixa na alma alegria vaga e infinda!

Como a primavera é linda, tão linda!

—Que novidade!—dirá, em tom de mofa, justa, o meu leitor.

E o sol, o atrevido sol a querer incommodar-me! A ampla e formosa laranjeira a que me encosto, protege-me.

Como as suas florinhas despontam, risonhas, innocentes...

Que embriagadora a sua fragancia!

São lindas, brancas, candidas e olorosas como tu, ó minha «bem-amada».

Que romantismo, hein?

Ora, pois, se a «bôlha» teve hoje as suas variações...

E isto succede conforme a lua.

E' verdade que eu eston sempre de lua, mas de lua que varia á medida do tempo.

Ora vejam que lembrança, que desejo moderado o meu em chamar para aqui o *politico* Fragateiro, alma magnanima, bom fundo, mas um futu o Arroyo.

Para quem conhece este personagem, tenho dito o bastante para ser avaliado.

Fique o Fragateiro em paz, entregue sómente aos *jardins*, que eu vou tratar de assumptos mais deleitosos para os meus freguezes—leitores—melhor dissera: leitoras.

A chronica principia agora e acaba já.

O que dito tenho até aqui foi o exordio.

Deus me ajude a levar a cruz ao Calvario... de S. Pedro.

De S. Pedro, não, ao Calvario, quer dizer, ao fim, Perceberam?

Que afincada preguença, filha do calor, do insupportavel calor que me escalda a cabeça e as ideias!

Não me é possivel coisa ageitada para apresentar.

Mas não se impaciente a leitora, porque na quinta-feira, que Deus Nosso Senhor Jesus Christo nos ha de trazer, farei chronica d'arromba, mesmo d'arromba.

E calem-se as impaciencias até lá.

Jayme.

CORRESPONDENCIAS

Rezende, 11 de março

Meu caro Gomes Dias

Ha seis ou oito semanas que o seu semanario não tem publicado noticias d'esta villa, talvez devido á falta de escrevinhadores, que tanto abundam por aqui, como abundam os gafanhotos nas grandes seáras d'Africa...

Ora, meu Gomes Dias, para onde foram tantos escrevinhadores que Rezende tinha outr'ora, e que tanta falta teem feito ao seu semanario? Metteram-se na concha, ou vegetam por esse mundo além? Talvez, como fallavam de circulos, etc., andem a mexer os pausinhos para as proximas eleições, visto que a queda do Zé Dias do carapau foi desastrosa. D'antes, tantas correspondencias do Maneca, do Lucifer, do Sete Cabeças, do Inglez, do M. Leguar e tantos versos do Jayme e do Augusto Maximo, e agora tudo n'um profundo silencio!!!

Para onde foram tantos primos, tantos Joãosinhos e tantos bachareis? O nosso sapateiro «Stroi» tambem se mettu em copas e fez elle muito bem, porque as cousas podiam ir-se-lhe complicando... e a freguezia fugia-lhe toda...

E' possivel que todos estes figurões voltem no fim da quaresma, porque agora o tempo não lhes chega a meia missa e os padres este anno não estão para piões!!!

Em politica não se fala, a não ser um apaixonado como o Manoel da Loureda e o Mattos, que discutem a melhor fórma de governo para a nossa salvação!...

O Louredo congratula-se por ter sido chamado aos altos poderes do estado o seu antigo correligionario Hintze Ribeiro, e o Mattos diz que é governo de poucos mezes—e não se enganará. E que lhe parece estes dois rapazes, a falar em politica e em fórmas de governo, se elles... Cala-te, bôcca... nem tudo que é verdade se diz.

—Chegou ha dias de Lisboa, o nosso amigo Ignacio d'Almeida Mattos, onde foi fazer concurso para o logar de recebedor de Tavira, contando umas historias tanto de lá como de Coimbra, onde se demorou um dia com todos os bachareis d'aqui. No pouco tempo que lá esteve, aprendeu a andar em *chinelleta*; é um regalo ouvir-o falar das alfacinhas... de Lisboa.

—Vindo da capital do reino, chegou ha dias o ex.^{mo} par do reino, dr. Manoel Pereira Dias, da casa de Rendufe, de Rezende.

—A sua casa da Fraga, chegou tambem ha dias o nosso Jayme poeta—o pequerrucho—que veio do Porto passar algum tempo nos lares paternos.

—Foi recebido aqui com geral satisfação o decreto da amnistia, dizendo que ella devia ser geral para todos os revoltosos de 31 de janeiro.

—Tambem consta que, quando chegar João Chagas, todos os seus correligionarios d'este concelho o irão cumprimentar ao Porto. Entre muitos contam-se: o Silverio, o Custodio do Cabo, o dos vidros e o Paulino da Rosa, que será o mestre de ceremonias...

Desculpe v., meu caro Gomes Dias, e até breve.

José Farellos.

ANNUNCIOS

AGRADECIMENTO

Os abaixo assignados sumamente penhoradissimos, veem por este meio, na impossibilidade de o fazerem pessoalmente, agradecer a todas as pessoas que se dignaram cumprimental-os, e lhe enviaram bilhetes de pezaes, pelo fallecimento de seu sempre chorado filho, irmão e cunhado, Manoel de Pinho Valente, em regresso do Rio de Janeiro para Portugal.

Como porém, possa ter havido qualquer falta involuntaria (em participação familiar) pedem desculpa porque foi devido ao estado de consternação.

Não podemos deixar de especialisar os ex.^{mos} snrs. Manoel Gomes Dias e dr. Francisco Fragateiro, dignissimos directores dos jornaes semanaes (*Folha e Povo de Ovar*) por noticiarem o triste acontecimento, que tão fundamentalmente magoou o nosso coração.

A todos o nosso eterno reconhecimento.

Ovar, 5 de Março de 1893.

Antonio de Pinho Carlota.

Joanna Valente.

José Maria de Pinho Valente (auzente).

José Augusto de Pinho Valente.

João de Pinho Valente.

Maria de Pinho Valente Pinto.

José Lopes Pinto Junior.

Maria Conceição d'Oliveira Valente.

Maria Graça d'Oliveira Valente.

AGRADECIMENTO

A familia ausente e presente da fallecida Joanna de Oliveira Duarte, agradecem por este meio a todas as pessoas que os visitaram, e lhe enviaram bilhetes de pezaes.

Ovar, 5 de Março de 1893.

Imprensa Civilisação

LARGO DA POCINHA, 73 A 77 (RUA DE SANTO ILDEFONSO)

PORTO

Impressão nitida, prompta e por preços módicos de facturas, bilhetes de loja, circulares, mapas, obras de livro impressas para associações de soccorros, assim como de todo e qualquer trabalho typographico

CARTÕES DE VISITA A. 100 200, 240 e 300 RÉIS O CENTO

Pós de carvão, quina, essencia de hortelã pimenta, etc., para limpeza dos dentes.

E. Zagallo de Lima — Praça, 63

Livros para registo DE HOSPEDES

E *Relações dos mesmos* que os proprietarios dos hoteis são obrigados a enviar todos os dias ao commissariado de policia. Vendem-se na

Imprensa Civilisação

73 — LARGO DA POCINHA — 77

MAURICIO GUÉRIN

SEGREDOS DA SCIENCIA

ARTES E OFFICIOS

A' venda na IMPRENSA CIVILISAÇÃO, Pocinha, 73. — Preço 400 réis.

DENTES BRANCOS

Higiene da Bocca.

A AGUA DE BOTOT

Conserva os Dentes, Fortalece as Gengivas, Refresca a Bocca.

Exija-se bem a Verdadeira Agua de Botot.

DEPOSITO GERAL: 17, Rue de la Paix, PARIS.

ANTIGAMENTE: 229, Rue Saint-Honore.

VENDE-SE EM TODAS AS PERFUMARIAS.



Pega-se tambem o Vinagre de Toucador, marca Botot, superior como alicidade e perfume.

EDITORES—BELEM & C.^a—LISBOA

A VIUVA MILLIONARIA

ULTIMA PRODUÇÃO DE

EMILE RICHEBOURG

Auctor dos romances: *A Mulher Fatal*, *A Martyr*, *O Marido*, *a Avó*, *A Filha Maldita* e *a Esposa*, que tem sido lidos com geral agrado dos nossos assignantes

Edição illustrada com bellos chromos e gravuras

A fama do admiravel trabalho, que vamos ter a honra de apresentar á elevada apreciação dos nossos assignantes, e cuja publicação está terminando em Pariz, centro principal de todo o movimento literario contemporaneo, tem sido alli consagrada por um exito verdadeiramente extraordinario, que mais e mais tem engrandecido e exaltado a reputação do seu auctor, já tantas vezes laureado. E com effeito nunca EMILE RICHEBOURG provou tão manifesta e exuberantemente os grandissimos recursos da sua fecunda imaginação.

Este romance, cuja acção se desenvolve no meio de scenas absolutamente verosimeis, mas ao mesmo tempo profundamente commoventes e impressionantes, excede, debaixo de todos os pontos de vista, tudo o que o festejado romancista tem escripto até hoje, e está evidentemente destinado a tomar logar proeminente entre os trabalhos litterarios, mais justamente apreciados da actualidade.

A empresa, que procura sempre com o maior escrupulo corresponder dignamente ao favor dos seus assignantes espera continuar a merecer o seu valioso auxilio, que mais uma vez se atreve a solicitar.

Brinde a todos os assignantes

Uma estampa em chromo de grande formato, representando a

Vista da Praça de D. Pedro

EM LISBOA

Tirada expressamente em photographia para este fim, e reproduzida depois em chromo a 14 cores. copia fiel da magestosa praça em todo o seu conjunto. Tem as dimensões de 72 por 60 centímetros, e é incontestavelmente a mais perfeita que até hoje tem apparecido.

Brinde aos angariadores em 2, 4, 10, 15 e 30 assignaturas.

Condições d'assignatura:

—Chromo. 10 réis; gravura, 10 réis; folha de 8 paginaas 10 réis. Sahirá em cadernetas semanaes de 4 folhas e uma estampa, ao preço de 50 réis pagos no acto da entrega. O porte para as provincias é a custa da Empresa, a qual não fará segunda expedição sem ter recebido o importe da antecedente.

A empresa considera correspondentes as pessoas das provincias e ilhas que se responsabilarem por mais de tres assignaturas.

A comissão é de 20 p. c., e sendo 10 assignaturas ou mais terão direito a um exemplar da obra e ao brinde geral.

Em Lisboa recebem-se assignaturas no escriptorio dos editores—rua do Marechal Saldanha, 26—LISBOA, onde se requisitam prospectos.

Acceita-se correspondente n'esta localidade.

Cartonagens

Amendoas, Livros de Missa e Semana Santa

NOVIDADE

Cerveja DANUBIA e BOCK-BIRR.

Grande sortido de mantas, regatas, plastrons e lavaliers.

Vinhos finos da Companhia e de outros armazens, desde 100 a 1500 réis.

SILVA CERVEIRA

LOJA DO POVO

63 — PRAÇA — 63

OVAR

CATALOGO DAS OBRAS

A' VENDA NA

Imprensa Civilisação

Largo da Pocinha, 73 a 77 — PORTO

Dramas, comedias e scenas-comicas

<i>Cynismo, scepticismo e crença</i> , Cesar de Lacerda, comedia-drama original em dois actos (2. ^a edição)	300
<i>O captivo</i> , (do mesmo auctor), canção original	50
<i>Henriqueta, a aventureira</i> , (do mesmo auctor), drama em 5 actos, com o retrato da heroína e 4 gravuras representando as principaes scenas do drama	400
<i>Os homens que riem</i> , (do mesmo auctor), comedia em 3 actos	400
<i>Homens e feras</i> , (do mesmo auctor), drama em 1 prologo e 3 actos	400
<i>Os viscondes d'Algirão</i> , (do mesmo auctor), comedia original em 3 actos e 1 prologo dividido em 2 quadros	400
<i>O poder do ouro</i> , por Dias Guimarães, drama em 4 actos	500
<i>O Condemnado</i> , (do mesmo) drama em 3 actos e 4 quadros	400
<i>Theatro comico—Entre a flauta e a viola—A morgadinha de Val d'Amores</i> , (do mesmo auctor)	400
<i>A Judia</i> , por Pinheiro Chagas, drama em 5 actos	400
<i>Magdalena</i> , (do mesmo auctor), drama em 4 actos	400
<i>Helena</i> , (do mesmo auctor), comedia em 5 actos	400
<i>No palco</i> (monologos e dialogos em verso) por Raul Didier, 1 volume	400
<i>Dá cá os suspensorios</i> , (do mesmo auctor), comedia em um acto	100
<i>Villão, o fugitivo da cadeia do Porto</i> , (do mesmo auctor), comedia-drama em 3 actos	200
<i>Ambos livres</i> , por Antonio de Sousa Machado, comedia em 1 acto	100
<i>Os homens de bem</i> , por Antonio Correia, drama original em 5 actos	300
<i>Tribulações d'um marido</i> , por João Coutinho Junior, scena comica original	100

Contos e historias diversas

<i>Verdadeiro livro de S. Cypriano</i> , traduzido do original por N. C. D.—Primeiro e segundo livro com estampas coloridas	500
<i>Arte para curar bois, vacas, burregos, porcos, cabras e outros animaes</i>	60
<i>Malicia e maldade das mulheres e a malicia dos homens</i>	40
<i>Historia dos tres filhos</i> , ou o gato das botas	20
<i>O noivado do sepulchro</i> (ballada)	20
<i>Auto da Muito Dolorosa Paixão de Nosso Senhor Jesus Christo</i> , conforme a escreveram os quatro Evangelistas	60
<i>Auto de Santa Barbara</i> , virgem e martyr, filha de Dioscoro, genio, em que fallam Santa Barbara, tres pedreiros, Dioscoro, pai de Santa Barbara, um anjo, dous doutores, Marciano, um alcaide, e um anção	40
<i>Acto intitulado Apartamento da Alma</i> , em que se contém duas obras admiraveis novamente dadas á luz:—A primeira contém uma pratica sentida entre o corpo e a alma, e a segunda o Rosario da Virgem Santissima	40
<i>Auto de Santa Catharina</i> , virgem e martyr, filha do rei go do de Alexandria, em o qual se conta seu martyrio e glorioso fim	40
<i>Auto do Dia de Juizo</i> , no qual fallam S. João, Nossa Senhora S. Pedro, S. Miguel, um Seraphim, Lucifer, Satanaz, David, Absalão, Urias, Caím, Abel, Dálio, um vilão, um tabellião, um carnicheiro, uma regateira e um moleiro	40
<i>Auto de Santo Aleixo</i> , filho de Eufemiano senador de Roma	40
<i>Auto de Santo Antonio</i> , livrando seu pai do patrublo	40
<i>O Judeu errante</i> (historia biblica)	20

Porto—IMPRENSA CIVILISAÇÃO — Largo da Pocinha, 73-77